



JORNAIS ESCOLARES PRIMEIRAS LETRAS

1. INTRODUÇÃO

O Comunicação e Cultura viabiliza a publicação de jornais escolares que veiculam textos, desenhos e outros conteúdos produzidos pelos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), como resultado de atividades mediadas por seus professores. O primeiro segmento da EJA pode também participar.

Considera-se que a escola é – ou deveria ser, para atender sua missão de alfabetizar e letrar – uma grande produtora de textos. Trata-se, portanto, de aprimorar o processo que origina essa produção (e, conseqüentemente, seus resultados educativos) apoiando-se no fato de que as crianças sentem naturalmente o desejo de “fazer melhor” quando estão se expressando publicamente, escrevendo ou desenhando para o jornal. (Veja Metodologia, a seguir).

O jornal escolar não é “trabalho a mais” para o professor, uma atividade paralela ou mesmo complementar. Ele está integrado ao Planejamento Político Pedagógico da escola e aos planos de aulas de cada professor. O jornal não é, portanto, um projeto, mas uma ferramenta.

Cada escola tem seu próprio jornal, que fica sob responsabilidade da Coordenadora Pedagógica.

A produção do jornal é integralmente realizada pela escola, incluindo a diagramação e editoração eletrônica.

O jornal é enviado por internet ou pelo correio ao Comunicação e Cultura, ONG promotora, que o imprime com duplicador digital de alta resolução num prazo máximo de 9 dias úteis, e o retorna às escolas, por sedex ou ônibus.

O número de edições que cada escola tem direito a realizar durante o ano é estipulado no convênio da Secretaria de Educação com o Comunicação e Cultura, respeitados o mínimo de 3 edições, no primeiro ano, e 4 nos anos seguintes.

No formato básico, os jornais Primeiras Letras têm quatro páginas (A3 frente e verso) e são impressos em papel jornal, em preto e branco, com impressão digital de alta resolução. A tiragem é igual ao número de alunos mais uma certa quantidade extra para distribuição na comunidade.

A tiragem e o número de páginas podem aumentar, sempre que a escola ou a Secretaria de Educação associada ao Primeiras Letras financiem o acréscimo de custos. Secretarias de Educação de qualquer estado podem participar da iniciativa.

Na Secretaria de Educação parceira o jornal escolar fica sob responsabilidade da Coordenação Pedagógica, Supervisão de Ensino ou função similar, que recebe capacitação e é acompanhado pelo Comunicação e Cultura.

O Sistema de Informações e Estatísticas do Primeiras Letras permite monitorar o andamento do jornal em cada escola e em cada Secretaria, com comparativos inter- anuais. Essas informações estão disponíveis on-line no portal www.jornalescolar.org.br. Semestralmente, a Secretaria recebe uma interpretação desses dados, realizada pela equipe do Comunicação e Cultura.

2. OBJETIVO

O objetivo do Primeiras Letras é fornecer às escolas uma ferramenta de uso transversal e interdisciplinar.

O jornal escolar é um portador de textos que dá uso social à escrita

A criança raramente tem oportunidade de fazer uso social da escrita. Seus textos não têm leitores, a não ser os professores e, às vezes, a família. Dar sentido social à escrita do aluno é a primeira contribuição do jornal escolar, seu princípio articulador.

Escrever no jornal escolar é uma experiência de vida para a criança, um fator de estímulo e motivação que abre um caminho direto para a mobilização interior requerida para aprender. Suas opiniões e produções como redações, pesquisas, desenhos e fotografias, são valorizadas pela circulação na escola, na família e na comunidade (na última pesquisa realizada, 82% das crianças declararam que o jornal era lido por suas famílias). Escrever passa a ter significado pessoal e social.

A experiência fortalece a auto-estima da criança e estimula sua imaginação. Os depoimentos dos professores e alunos sobre o sentimento despertado pelo fato de participar no jornal são reveladores:

“Quando eles pegam aquele jornal, eles ficam loucos para ler, para ver logo tudo que está ali, procurando o que eles escreveram” (professora)

“Acho muito legal, porque é onde a gente coloca as nossas coisas, o que a gente faz, a gente coloca o que a gente gosta também, coloca o que a gente sente” (aluna)

As crianças sentem emoção e orgulho, dois sentimentos poderosos e fortalecedores da personalidade. Elas querem dar o melhor de si, pois é sua imagem que esta em jogo:

“Quando eu comecei a fazer o jornalzinho, tia, eu comecei a melhorar para poder sair legal, para não ficar erros quando a pessoa for ler não entender. Eu estou lendo mais e agora eu estou melhorando muito na escrita e na leitura.” (aluna)

A vontade de fazer bem e bonito se estende para além da escrita, o que remete a importância que Freinet dava ao jornal no resgate da idéia do trabalho como obra que dignifica (ver Referenciais Teóricos).

“Tem que ilustrar o jornal que é igual àqueles livros de história infantil clássicos; tem que ter ilustração” (aluna).

(Depoimentos da Professora Evania Barroso Ferreira, coordenadora do jornal na Escola Municipal João Cirino Nogueira, da cidade de Maranguape – Ceará, e de alunos da 4ª ano dessa escola. Vídeo com os depoimentos acessível no site www.jornalescolar.org.br)

Educação para a cidadania

A contribuição do jornal escolar se situa também na formação para a cidadania, um objetivo central da escola. Escrever para o jornal proporciona à criança uma percepção automática de participação no espaço público. Francisco Alisson, que estava escrevendo uma matéria sobre meio ambiente, relatou assim sua motivação à repórter que o entrevistava:

“Eu faço, passo para o jornal, mostro para os outros e os outros entendem né? Assim vai ajudar às pessoas.”

E seu colega complementou:

“Eu acho que as pessoas quando lêem o jornal vão se conscientizar e vão evitar queimadas e cuidar mais e melhor das árvores e das plantas.”

Escrever no jornal permite que a criança construa a consciência de si, na sua relação com o social e o comunitário. Eu faço chegar minha mensagem “às pessoas”. A criança que escreve no jornal está se manifestando como cidadã e uma escola habilidosa saberá aproveitar o momento para trabalhar o surgimento de um imaginário positivo sobre a participação social.

Por outro lado, o processo de produção dos jornais é uma oportunidade para a escola promover a expressão das crianças através da construção de momentos educativos onde elas exercem sua cidadania (seleção dos assuntos abordados e dos textos a serem publicados, textos de opinião ou “cartas abertas” dirigidas às autoridades, debates sobre pontos de vistas expressados por outros colegas etc.). Várias dessas atividades colaboram para outra missão da escola, que é o desenvolvimento da oralidade e da capacidade argumentativa.

(Depoimentos de alunos da 4ª ano da Escola Municipal João Cirino Nogueira, da cidade de Maranguape – Ceará. Vídeo com os depoimentos acessível no site www.jornalescolar.org.br)

O jornal é uma proposta de educomunicação

Ao escrever no jornal escolar a criança percebe automaticamente que se tornou uma emissora de mensagens. Releia-se o comentário acima do aluno Francisco Alisson: “Eu faço, passo para o jornal, mostro para os outros e os outros entendem né? Assim vai ajudar às pessoas”. Entre o fato e a consciência do seu significado não há nenhuma separação, embora essa consciência se expresse ingenuamente. A experiência é inesperada e surpreendente para as crianças, cujas opiniões raramente são ouvidas e muito menos levadas em conta; daí que tenha um grande impacto na imaginação (de uma vez por todas a criança passa a ter a percepção de que por trás dos meios de comunicação há atores de carne e osso, como ele mesmo).

A escola passa assim a ter um alicerce sólido para desenvolver uma proposta educacional (ver Referenciais Teóricos) que promova a criticidade de seus alunos sobre o mundo da comunicação, essa realidade dominante da cultura contemporânea, que, em muitos sentidos, se sobrepõe a própria escola.

O jornal dá suporte ao ensino contextualizado, direcionando-o para a mobilização social local

Os jornais escolares Primeiras Letras veiculam uma infinidade de textos e ilustrações produzidas pelas crianças sobre o seu cotidiano e o de suas comunidades. Mérito das escolas que trabalham essas temáticas. Mérito também do jornal, que permite expressar a cultura e valoriza as reflexões e pesquisas que as crianças fazem sobre ela.

A comunicação permite que as escolas que adotam o ensino contextualizado tenham condições para atuar também na mobilização social da comunidade onde estão inseridas (ver ponto seguinte).

O jornal escolar é uma intervenção no ecossistema comunicativo comunitário

Por último, já olhando para o papel da escola na comunidade, o “fazer jornal” adquire outra relevância. Com efeito, uma comunidade é um “ecossistema comunicativo”¹, um conjunto de relações de comunicação sobre as quais o jornal escolar intervém com o poder que lhe dá a divulgação “de massa” na escala local e a afetividade com o qual é recebido pelos leitores. A escola passa a ter a possibilidade de interferir no ambiente onde acontece a educação informal através das relações familiares, de amizade e vizinhança, a cultura, enfim (ver Metodologia, terceiro ciclo de aproveitamento do jornal). Valores e conhecimentos trabalhados na escola ultrapassam seus muros.

Nessa intervenção no ecossistema comunicativo da comunidade convergem a alfabetização/letramento (capacidade de expressão de pensamentos e opiniões), a educação para a participação (a criança atuante), o ensino contextualizado (conteúdos relevantes) e a educomunicação (a intencionalidade da comunicação, a criticidade). O jornal, portanto, articula o interno (ensino, formação) com o externo (novo papel da escola na comunidade).

3. EMBASAMENTO CONCEITUAL

A principal referência do Primeiras Letras é o educador francês Celestin Freinet (1896-1966), cujo método tinha como base a experiência de vida, isto é, a vivência da aprendizagem por parte da criança. Sua proposta tem raízes no movimento da Escola Ativa. Nesse engajamento, a criança mobiliza seu julgamento e criatividade. Ela constrói, assim, sua autonomia.

Em 1924 Freinet introduz na sua prática a técnica da impressão (tipografia). Seus alunos passam a produzir textos compostos por eles mesmos, que são posteriormente enviados a outras escolas, dentro de um processo de intercâmbio de produções. Essa

1 O pesquisador colombiano Jesús Martín-Barbero articulou o conceito de ecossistema comunicativo, conformado pelas tecnologias e meios de comunicação e o conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetram a vida cotidiana. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. *Revista Comunicação & Educação* n. 18. São Paulo, Segmento/ECA/USP, ano 6, mai./set. 2000.

prática foi sistematizada em 1927 no livro “A Imprensa na Escola”, que constitui uma referência ainda hoje.

O Jornal Escolar é um suporte de uma experiência de vida da criança, que se mobiliza interiormente para comunicar. O jornal e cada um dos textos e desenhos publicados é uma “obra”, um trabalho coletivo.

Freinet enxergava na produção de jornais escolares “vantagens” pedagógicas, psicológicas e sociais.

No seu livro *A Imprensa na Escola*, de 1927, Freinet lista diversas vantagens do jornal escolar, algumas das quais transcrevemos a seguir:

Vantagens pedagógicas²:

- Método natural de ensino da língua; “A criança sente a necessidade de escrever, exatamente porque sabe que o seu texto, se for escolhido, será publicado no jornal escolar e lido, portanto, pelos seus pais e pelos correspondentes; por isso sente a necessidade de expandir o seu pensamento por meio de uma forma e de uma expressão que constituem a sua exaltação.” (81)
- Arquivo vivo e reflexo do que é realizado na escola.
- O jornal como “obra” que gera uma cultura do trabalho bem-feito.
- Contribuição para a aprendizagem; “a qualidade dos progressos, sejam escolares ou extra-escolares, vem sempre da nossa sede de conhecer e de agir e do interesse que temos no nosso próprio trabalho. Por meio do jornal escolar despertamos esta curiosidade e este interesse”. (91)

Vantagens psicológicas:

- “Normalização” do meio onde a criança vive (ruptura da dualidade escola/meio familiar e social).
- Libertação psíquica; “a criança na escola não tem a possibilidade de exteriorizar as suas necessidades, sentimentos e tendências [...] Utilizando o texto livre e o jornal escolar, alimentamos e exploramos esta necessidade de exteriorização da criança. Tecnicamente, é desta necessidade que partimos para todo o trabalho de instrução e educação que vamos empreender”. (96)
- Trabalho produtivo; “O jornal escolar é o protótipo desse trabalho novo. Para se dedicar a ele, a criança deixa de ter necessidade do estimulante das notas, do lucro material ou da atração do jogo.” (100). Freinet pensa no trabalho como “obra” na qual o ser humano se expressa e não como mercado. “A escola deve voltar a dar a esta noção do trabalho todo seu valor individual, social e humano”. (96)
- Pedagogia do sucesso. A criança “triunfa com o seu texto, que se torna uma página definitiva difundida na aldeia e através do espaço: triunfa com a sua gravura e os desenhos que dão beleza à obra coletiva”. (101)

² Todas as citações se referem à edição publicada em 1974 pelo Editorial Estampa (Lisboa), sob o título *O Jornal Escolar*. É possível encontrá-lo em sebos.

Vantagens sociais:

- Trabalho de equipe e prática de cooperação social.
- Ligação com os pais (o jornal é lido nas famílias).
- Educação para a leitura crítica da mídia; “Utilizando o texto livre e o jornal, habituamos os nossos alunos a uma crítica da imprensa, à aceitação e procura dessa crítica. (...) Aprendem, por experiência, a julgar as obras que lhe são apresentadas, e rapidamente se tornam aptos a descobrir o que se esconde de falso e contraditório nas impotentes rubricas dos jornais” (111). “No dia em que os cidadãos saibam que o seu jornal pode mentir, ou pelo menos, apresentar como definitivas soluções que são apenas um aspecto parcial dos problemas impostos pela vida, quando estiverem aptos a discutir com prudência, mas também com ousadia, quando tiverem essa formação de experimentadores e criadores que nos esforçamos por lhes dar, haverá então qualquer coisa de diferente nas nossas democracias”. (112)

O jornal escolar se insere perfeitamente dentro do pensamento construtivista. A criança sabe que ao escrever no jornal estará falando “para os outros”. Sabe que esses “outros” vão formar uma idéia sobre o que ele escreveu ou desenhou. Ela participa, portanto, de uma experiência de vida significativa, constrói a si mesma na interação social mediada pelo jornal e fica condicionada para uma exploração frutífera (“desejante”) da Zona de Desenvolvimento Proximal, com o apoio do professor.

De Paulo Freire, além da vocação para uma educação libertadora e crítica, o Primeiras Letras retém a intenção fundamental de criar novas relações de comunicação na educação, quebrando a verticalidade da relação unívoca emissor - receptor. Também recebe dele a preocupação pela construção da autonomia do aluno. Realizar a obra (jornal escolar) exige um esforço criador que leva à criança a se descobrir como construtora do mundo. Ao escrever no jornal a criança pensa seu mundo, que é sua cultura, e a partir de aí a consciência ingênua já inicia o caminho para a consciência crítica.

Por esse viés o jornal escolar entra na educomunicação, um campo pedagógico onde convergem diversas correntes, como a mídia educação e a educação pela comunicação. O professor Ismar de Oliveira, do Núcleo de Comunicação e Educação da USP, define a educomunicação como o *“conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem”* (Caminhos da educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos, in Caminhos da educomunicação, São Paulo, Editora Salesiana, 2001).

Na sua primeira vertente, a educomunicação promove o entendimento crítico das mensagens da mídia e uma reflexão sobre o papel dos meios de comunicação em nossa sociedade. A segunda vertente consiste em estimular crianças, adolescentes e jovens a produzir diferentes tipos de mídia, o que permite que adquiram novas habilidades e, sobretudo, decodifiquem, na prática, o funcionamento da comunicação.

As teorias críticas da comunicação social destacam a instrumentalidade das mídias, seu poder para influenciar a sociedade através dos conteúdos veiculados (de fato, boa

parte, senão a maior parte da formação das crianças e adolescentes acontece através dos meios de comunicação). A crítica deve dar conta agora do novo momento da influência dos meios de comunicação, com as inúmeras possibilidades de criação e conexão coletiva em escala planetária permitida pela internet. O acesso à informação e à comunicação sem restrições, propiciadas pelo ciberespaço tem dado uma autonomia crescentes às crianças e adolescentes que pela primeira vez na história da humanidade estão mais avançados no uso de tecnologias e até mais informadas que seus pais e mesmo seus professores. Falar a mesma linguagem que os jovens e viver junto com eles a contemporaneidade é talvez o maior desafio que a escola enfrenta.

“A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existem uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais e não pedem autorização à escola para se expandir socialmente. Essa diversificação e difusão do saber por fora da escola é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação coloca ao sistema educativo. Isto não está levando a escola para uma abertura aos novos saberes, mas ao fortalecimento do autoritarismo, como reação à perda de autoridade do professor, e à desqualificação dos jovens como cada dia mais frívolos e desrespeitosos com o sistema escolar.”³

Por outro lado, a discussão sobre o papel das mídias tornou-se mais subtil com a valorização das mediações – “as múltiplas ações, situações, tecnologias e circunstâncias que se colocam como categorias estruturantes do modo de ser e de viver das pessoas num tempo e espaço dados”⁴. As mediações são o “filtro” através do qual as mensagens da mídia chegam as pessoa, condicionando a interpretação que estas fazem. Elas mediam também as formas de apropriação das novas mídias. Jesus Martin Barbero, pesquisador que se destaca nesta linha de pensamento, afirma que “a comunicação é questão de culturas, e não só de ideologias; a comunicação é questão de sujeitos, atores e não só de aparatos e estruturas; a comunicação é questão de produção e não só de reprodução”⁵.

Esta visão, que resgata o espaço de autonomia da vida social e do próprio indivíduo, não exime a escola de suas responsabilidades. Ao contrário, coloca em discussão o lugar que ela ocupa na composição de mediações que determinarão a capacidade das crianças e adolescentes de interagir com o mundo da comunicação, recebendo mensagens de forma crítica (acolher, reinterpretar, rejeitar) e intervindo como atores no momento em que a tecnologia abre um leque enorme de possibilidades nesse sentido.

4. METODOLOGIA

O aproveitamento do jornal escolar tem três ciclos.

3 Jesus Martin Barbero, Jóvenes: comunicación e identidad. Revista digital de Cultura de la OEI. Número 0 – fevereiro 2002.
<http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric00a00.htm>

4 Guillermo Orozco Gómez, Perspectivas para el análisis de los procesos de recepción televisiva, in Cuadernos de comunicación y practicas sociales n°6, UIA, México, 1994.

5 Jesus Martin Barbero, Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, EdUFRJ, 1997.

Primeiro ciclo: produção

Acontece em sala de aula. A determinação dos temas a serem abordados fica a cargo do professor, assim como o gênero textual que será utilizado. O professor poderá utilizar também os “textos livres” (Freinet) deixando à criança escrever um pensamento ou relato, sem nenhum direcionamento, e trabalhar a partir dele.

Todas as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental devem enviar textos para o jornal (de fato, a não participação da turma é tomada como sintoma de que possa não estar havendo produção escrita, o que questionaria a qualidade do processo ensino-aprendizagem; a informação é retornada às secretarias de educação parceiras). As crianças não alfabetizadas participam através de ilustrações e textos produzidos com ajuda do professor-escriva.

Os textos podem ter diferentes formas de produção e revisão (coletiva, individual, por equipes). O Primeiras Letras enfatiza a necessidade da revisão, pois não existe melhor oportunidade para a criança compreender a importância do aprimoramento de sua produção que o momento de enviar o texto para o jornal. Esta proposição, aliás, está ligada a idéia do jornal como “obra” e à valorização do trabalho bem feito.

Os professores devem, porém, ter consciência dos riscos da correção autoritária. A revisão deve ser feita junto com o aluno, com o cuidado de não desvirtuar seu texto e “inventar” uma capacidade de expressão escrita inexistente.

A seleção dos textos que a sala envia para o jornal gera uma tensão, pois é impossível publicar as produções de todos os alunos. O objetivo da seleção não é de forma alguma publicar o “melhor” texto produzido pela sala. Esse tipo de destaque pode ser – e frequentemente é – excludente, porque não considera o momento de aprendizagem da criança (em todo caso, o “melhor texto” seria aquele que representa o avanço maior no processo de aprendizagem da criança). Pode se imaginar facilmente uma situação em que o professor publique o texto de um aluno que esteja com problemas de aprendizagem ou passando por um momento difícil e necessitando reforçar sua auto-estima, mesmo sendo o “pior” texto da turma.

- O professor pode promover dinâmicas para que os próprios alunos escolham os textos a serem publicados (debates e até votação);
- O professor pode assumir a responsabilidade de selecionar os textos, mas fica na obrigação moral de explicar sua escolha;
- Uma recomendação é produzir textos coletivos. É mais fácil selecionar entre 4 ou 5 textos produzidos grupalmente, do que entre 30 redações individuais;
- Também é possível construir um texto único com toda a classe. Isso requer um esforço maior de animação por parte do professor. Há variantes, como a divisão de tarefas (uns fazem a pesquisa, outros a ilustração, um grupo menor a redação, outro a revisão);
- Recomenda-se também que seja criado um Jornal Mural, para aproveitar as produções que não foram publicadas. Além disso, existe a possibilidade de aumentar a periodicidade (até o limite de 9 por ano) e o número de páginas do jornal.

O momento da escolha do(s) texto(s) que será enviado ao jornal e sua revisão é um momento privilegiado para trabalhar o desenvolvimento da oralidade.

Autoria: o elogio de uma pessoa querida por um artigo ou desenho publicado no jornal é um estímulo que pode fazer diferença em toda a história de aprendizagem da criança. Para que isso possa acontecer, os textos devem ser assinados com o nome, idade e série ou ano do aluno. Estar-se-á também ensinando à criança algo importante do mundo da comunicação: a responsabilidade com o que se escreve e se diz.

Segundo ciclo: o jornal impresso voltando para a sala de aula

O segundo ciclo da vida do jornal acontece quando o jornal, já impresso, é distribuído aos alunos. Os professores são unânimes em relatar a grande expectativa dos alunos no dia da distribuição do jornal (atentas a esse fato, muitas escolas realizam um pequeno evento nesse dia).

O jornal passa a ser um material didático auto-produzido e afetivamente significativo, que permite realizar exercícios de leitura, desenvolvimento da expressão oral (conversas e debates sobre os temas abordados), revisão, aprimoramento de textos e reescrita. Com as crianças não alfabetizadas, e mesmo para as outras, é possível utilizar o jornal como suporte de arte educação, com pintura das ilustrações e títulos e mesmo a realização de colagens que viram pequenas “obras de arte” que podem ser valorizadas em exposições na sala e na escola.

O jornal constitui, ainda, a memória da escola, e como tal, pode ser utilizado para pesquisas (basta, para tanto, que a biblioteca escolar conserve uma coleção dos jornais publicados).

Terceiro ciclo: o jornal na família

O terceiro ciclo de aproveitamento acontece quando o jornal é lido pelos familiares dos alunos, o que gera novas possibilidades de intervenção social (neste momento, os conhecimentos e valores que a escola trabalha são divulgados num espaço ampliado e acontece a intervenção no ecossistema comunicativo da comunidade). Exercícios adequados permitem que o aluno continue trabalhando os temas abordados pelo jornal, agora no espaço familiar. É possível, por exemplo, pedir que os alunos apliquem questionários de avaliação do jornal ou de determinados textos junto a suas famílias, ou que leiam certos trechos aos seus familiares e recolham suas opiniões e contribuições sobre o mesmo.

A escola passa a ter, assim, a possibilidade de interferir no ambiente onde acontece a educação informal, através das relações familiares, de amizade e vizinhança, a cultura, enfim. Valores e conhecimentos trabalhados na escola ultrapassam seus muros.

Implantando o Primeiras Letras na Secretaria de Educação

Cabe a Secretaria de Educação escolher as escolas que implantarão o jornal escolar, podendo ser por adesão ou por caráter universal. O Comunicação e Cultura recomenda a univesalização, e trabalha para que as condições de participação financeira permitam essa extensão.

O Comunicação e Cultura capacita e acompanha o técnico coordenador do jornal da Secretaria de Educação associada. A capacitação está orientada para otimizar a integração do jornal escolar nas estratégias que a Secretaria leva adiante nas áreas de alfabetização, letramento, ensino contextualizado e outras, incluindo a capacitação dos professores. Os princípios de simplicidade e integração são também aplicados neste nível, de modo a que a curva de aprendizagem seja descendente, aumentando a autonomia da Secretaria.

Capacita-se também outra pessoa da equipe da Secretaria de Educação para a diagramação e a editoração eletrônica dos jornais. Essa pessoa passa a ser o Ponto Focal para multiplicação desses conhecimentos para as escolas da rede. O projeto fornece um CD com modelos pré-formatados de jornal e tutoriais de auto-aprendizagem extremamente simples para programas não proprietários (BrOffice e Scribus) e proprietários (Corel Draw e Page Make). Os programas BrOffice e Scribus estão incluídos no CD, para download.

Escolhidas as escolas que irão implantar os jornais, programa-se a capacitação inicial dos Coordenadores Pedagógicos das mesmas, realizada pela própria Secretaria (essencialmente é um repasse dos conteúdos do primeiro encontro de capacitação do Comunicação e Cultura com os Coordenadores Pedagógicos das Secretarias associadas).

Paralelamente cada escola designa a pessoa que se ocupará da editoração eletrônica do seu jornal. Pode ser um professor, um técnico, um aluno – para escolas que tenham o ensino fundamental completo – ou mesmo um amigo da escola. O técnico da Secretaria escolhido como multiplicador desses conhecimentos, previamente formado pelo Comunicação e Cultura, capacita e dá suporte.

Implantando o jornal na escola.

O Coordenador Pedagógico da escola, ou pessoa que ocupa função similar, coordena também o jornal. Sua primeira atividade é organizar e animar uma reunião de sensibilização para apresentar a proposta para seus colegas. O Comunicação e Cultura fornece material de apoio (DVD com roteiro de discussão) para essa reunião.

Para conseguir uma boa mobilização inicial da escola, nessa reunião se planeja a escolha do nome do jornal. A recomendação é que se procure a forma mais participativa de escolha. Um exemplo ideal é que cada sala proponha um nome e depois se organize uma votação final com participação de todos os alunos.

O nome do jornal está formado por dois elementos: o nome propriamente dito e a arte ou composição visual que é apresentada no cabeçalho da publicação. A escola produz também essa arte, seguindo o mesmo princípio participativo.

O nome do jornal consta no Registro de Nomes, gerido pelo Comunicação e Cultura. Dentro de cada Estado, a escola detém o direito exclusivo de uso do nome que escolheu.

Nas reuniões de planejamento da escola preenche-se o Guia de Pauta, planilha onde são anotados os compromissos de produção de textos, ilustrações, fotografias etc. assumidos pelos professores. Determina-se, nesse momento, uma data limite para a entrega das produções e o número máximo de textos que cada turma pode entregar.

A seleção dos textos é necessariamente realizada pelo professor de sala de aula (ver Regulamento, anexo a este documento). Os textos do 3º ao 5º ano devem ser necessariamente revisados junto com os alunos, assim como todos os textos não manuscritos.

Recebidos esses materiais, o Coordenador Pedagógico da escola faz, se necessário, uma seleção final dos textos e ilustrações, prepara a paginação (boneco) e encaminha a editoração eletrônica. Ele pode realizar essas atividades sozinho, ou com ajuda de uma equipe (solução recomendada). A editoração eletrônica pode ser realizada por alunos (escolas com o ensino fundamental completo), pais de alunos ou voluntários da comunidade.

5. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

- Aspectos relativos ao engajamento da escola:
 - a) Frequência de publicação dos jornais
 - b) Todas as turmas enviam textos para publicação
 - c) Revisão dos textos publicados
 - d) Planejamento coletivo da produção do jornal;
- Aspectos relativos ao engajamento da Secretaria de Educação
 - a) Registro e acompanhamento das ações visando integrar o jornal escolar às estratégias de alfabetização, letramento, ensino contextualizado, formação em valores, para a cidadania e outras levadas à frente pelas Secretarias de Educação associadas;
 - b) Na Secretaria de Educação o Primeiras Letras é coordenado pelo Coordenador de Ensino, Supervisor de Ensino ou função similar.
- Análise dos conteúdos dos jornais (opcional, deve ser realizado pela própria Secretaria de Educação a partir de planilhas fornecidas pelo Comunicação e Cultura que permitem focar a atenção nos itens que interessem)
 - a) Variedade de gêneros utilizados, qualidade de expressão alcançada (coerência etc), coerência dos textos e ilustrações publicadas com as estratégias de alfabetização, aprendizagem da língua portuguesa e outros conteúdos;
 - b) Busca de evidências de como a escola está trabalhando aspectos considerados fundamentais para o desenvolvimento do cidadão e o ensino contextualizado.
 - c) Análise dos indicadores educacional – O impacto do jornal escolar, no conjunto de escolas, será determinado pela comparação dos resultados do IDEB e dos resultados da Prova Brasil.

6. IMPACTO ESPERADO

- a) Espera-se que o uso social da escrita permita melhorar a aprendizagem da Língua Portuguesa (alfabetização e letramento);

- b) Espera-se que o jornal fortaleça as estratégias de ensino contextualizado da escola;
- c) Espera-se que a participação do jornal constitua para os alunos uma experiência significativa de participação social;
- d) Espera-se que a participação dê às crianças uma chave de compreensão sobre o mundo da comunicação, tornando tangível a existência de pessoas, e, portanto, de subjetividades e interesses, por trás da mídia (desmistificação);
- e) Espera-se que a escola melhore sua integração com a comunidade através da comunicação.



2008 - www.jornalescolar.org.br

REGULAMENTO DOS JORNAIS ESCOLARES PRIMEIRAS LETRAS

- 1. Os jornais escolares Primeiras Letras destinam-se aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano).**
 - O ensino infantil e o primeiro segmento do EJA podem participar, desde que não tomem o espaço dos alunos/as dos anos iniciais.
 - Os alunos dos anos finais e segundo segmento não participam do Primeiras Letras (existe uma iniciativa específica para esse público, veja informações sobre o Fala Escola em www.jornalescolar.org.br)
- 2. Os textos e desenhos publicados pelo jornal são produzidos exclusivamente em sala de aula (o jornal não recolhe produções extra-classe).**
 - O conteúdo do jornal é determinado exclusivamente pela escola, sem imposições externas.
- 3. Todas as turmas do 1º ao 5º ano publicam textos no jornal.**
 - Únicas exceções possíveis: 1º ano e turmas que no período de produção do jornal tenham trabalhado exclusivamente oralidade ou leitura.
- 4. Cada professor/a seleciona um número determinado de textos para enviar para o jornal (essa quantidade é determinada pela coordenação). Ele entrega esses textos numerados por ordem de preferência de impressão.**
 - O professor/a coordenador do jornal não poderá fazer ele mesmo essa seleção.
- 5. Os textos do 3º, 4º e 5º ano devem ser obrigatoriamente revisados junto com os alunos/as antes de serem enviados para publicação, mesmo que sejam textos manuscritos ou textos complementares de ilustrações.**
 - Textos não revisados dessas turmas não poderão ser publicados.
 - O professor/a coordenador não poderá fazer ele mesmo essa revisão.
- 6. Os textos do 1º e 2º ano poderão ser publicados sem revisão, mas unicamente se forem manuscritos. Caso sejam digitados, deverão também ser revisados junto com os alunos.**
- 7. No primeiro ano de implantação do Primeiras Letras, a escola publica um mínimo de 3 edições. A partir do segundo ano a escola publica um mínimo de 4 edições.**

8. Os jornais observam o seguinte Código de Ética.

- Promovem os Direitos Humanos em toda sua extensão
- Não fazem promoção pessoal, partidária ou de religiões.
- Dão Direito de Resposta na mesma edição.